



Análise cultural e teologia bíblica temática

*Uma abordagem de comunicação do evangelho
em ambiente intercultural*

Ronaldo Lidorio

Este artigo não reflete, necessariamente, a posição do Centro de Reflexão Missiológica Martureo. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão e publicamos aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

Este artigo é um resumo da tese de doutorado de Ronaldo Lidorio submetida e aprovada pela [South African Theological Seminary \(SATS\)](#) para o grau de Doutor em Filosofia em Teologia com foco em Missiologia, tendo como orientador o Dr. Abraham Byeong Jun. Foi primeiramente publicado, em formato resumido, na revista *Conspectus* em 2019. A tese completa (367 páginas, não publicada) tem como título original *Cultural analysis and thematic biblical theology – cross-cultural model of Gospel communication*.

Resumo

Como a cultura pode ser analisada e organizada, e como as descobertas culturais podem ser utilizadas para facilitar a evangelização por meio da teologia bíblica temática em ambiente intercultural? O objetivo deste artigo é explorar e gerar ideias e princípios para integrar a análise cultural e as teologias bíblicas temáticas para melhor comunicar o evangelho, tendo como estudo de caso a cultura Konkomba de Gana. O primeiro componente apresenta uma abordagem antropológica para análise cultural e o estudo de caso em uma estrutura funcionalista-interpretativa. O segundo componente utiliza uma estrutura missiológica fornecida por elementos do Modelo dos Quatro Horizontes (*Four-Horizons Model*), do Modelo Tridimensional (*Tridimensional Model*) e da Grande História (*Grand Story*) para organizar e apresentar os temas bíblicos em uma perspectiva hermenêutica, envolvendo as principais questões culturais previamente identificadas, respondendo-as biblicamente e aproximando o público das Escrituras Sagradas para uma compreensão prática. Isso resulta na Abordagem Kerygma para Investigação Sociocultural e Comunicação do Evangelho (*Kerygma Approach for Sociocultural Investigation and Gospel Communication*) ou, abreviadamente, Abordagem Kerygma, que tem como alvo promover e facilitar a comunicação do evangelho de forma teologicamente fiel e culturalmente inteligível e aplicável em ambientes interculturais de alta complexidade.

1. Introdução

A relação entre o evangelho e a cultura local

está na raiz dos estudos missiológicos, especialmente em ambientes transculturais, onde se destaca a constante necessidade de enraizar a comunicação do evangelho na teologia bíblica revelada nas Escrituras Sagradas e, a partir da teologia, buscar intencionalmente a sua comunicação de forma que seja linguística e culturalmente compreensível e aplicável para todos os envolvidos, tanto quem transmite quanto quem recebe.

A questão abordada neste artigo é: como a cultura deve ser analisada e organizada, e como as descobertas culturais devem ser usadas para facilitar a evangelização transcultural por meio da teologia bíblica temática em contextos semelhantes aos do povo Konkomba de Gana?

O objetivo final é apresentar uma abordagem para a comunicação do evangelho com base na análise cultural e na teologia bíblica temática para uso em iniciativas missionárias transculturais em contextos semelhantes. O objetivo é dividido em duas partes. Primeiro, desenvolver e apresentar uma abordagem para análise cultural organizada em quatro dimensões (histórica, ética, social e fenomenológica), com base em um estudo de caso do povo Konkomba de Gana, na África Ocidental. Segundo, propor uma estrutura que organize e apresente os temas bíblicos de uma maneira teologicamente fiel e culturalmente aplicável. O resultado geral é a Abordagem Kerygma.

É importante estabelecer desde já o pressuposto deste estudo quanto ao evangelho em relação à cultura. O evangelho é:

- *supracultural, pois é a mensagem da verda-*

de de Deus sobre o ser humano e sua sociedade, como revelado nas Escrituras (2 Tm 3.16);

- *multicultural, pois atrai a Cristo pessoas de todas as nações e culturas (Ap 5.9);*
- *intercultural, pois essas pessoas, redimidas, formam a igreja, um só corpo no Senhor Jesus (Cl 3.11);*
- *cultural, pois foi revelado em Jesus, Deus encarnado, em nossa história e tempo (Jo 1.14);*
- *transcultural, pois deve ser levado de uma cultura para outra cultura pela obra missionária (At 1.8);*
- *e contracultural, pois encontra e confronta o ser humano, promovendo verdadeira e eterna transformação (At 26:18).*

No intento de comunicar o evangelho de forma teologicamente fiel e almejando a inteligibilidade e aplicabilidade cultural, há dois movimentos que precisam ser estabelecidos: da salvaguarda teológica e da contextualização.

Quanto à salvaguarda teológica, há três perigos quando o evangelho é comunicado sem uma fundamentação teológica. O primeiro é a imposição, que ocorre quando as palavras do evangelho são inseridas como moeda de troca com o povo local, proclamando a bandeira institucional e não a Palavra; a liderança eclesial e não a Cristo. As consequências são desastrosas, sendo o sincretismo e o nominalismo talvez as mais comuns. O segundo perigo é o pragmatismo, sobretudo quando iniciativas missionárias são definidas pelo resultado, não pela fidelidade bíblica; pelo alvo numérico do projeto e não pela expectativa do evangelho transformar vidas. Iniciativas pragmáticas visam adesão social, enquanto as bíblicas têm como alvo a transformação pessoal. O terceiro perigo é o hedonismo, que ocorre quando a igreja usa uma interpretação puramente sociológica, e não a Palavra, para compreender as necessidades humanas. Nesse caso, os temas

culturais e não teológicos modelam a abordagem missionária e, assim, o desejo por justiça social ultrapassa os valores e alvos do evangelho. Nesse caso, a bandeira é a sociedade e não Cristo (Lidorio 2007:60).

Quanto à contextualização, apesar de o evangelho ser multicultural e transtemporal, as perguntas humanas às quais o evangelho responde são formuladas e experimentadas no ambiente da cultura (Newbigin 1989:141-142). Contextualizar o evangelho é comunicá-lo de forma que o senhorio de Cristo não seja apenas um princípio abstrato, mas um fator determinante da vida em todas as suas dimensões (Nicholls 1983:73-74).

A comunicação do evangelho deve acontecer de forma inteligível, tendo em mente os códigos linguísticos e culturais do público. As pessoas devem perceber o evangelho como mensagem de Deus para eles, em seu próprio mundo, visão de mundo e vidas diárias. Assim, a aceitação ou rejeição do evangelho pelo público não deve acontecer por ter sido mal compreendido, mas, inversamente, por ter sido plenamente compreendido, debaixo da graça e vontade de Deus. A comunicação do evangelho deve ser avaliada à luz de sua qualidade, a fidelidade à Palavra, e, ao mesmo tempo, deve ser plenamente aplicável e reproduzível para quem o ouve (Nicholls 1983:73-75; Hiebert 1999:186-190).

Este estudo possui dois pressupostos essenciais sobre o assunto. Primeiramente, o evangelho é suficiente para todos, seja em contexto urbano ou tribal; do passado ou presente; acadêmico ou não acadêmico. Segundo, o evangelho é apresentado pelas Escrituras Sagradas e somente elas são a fonte de verdade sobre o evangelho de Deus.

Este estudo primeiramente abordará a comunicação intercultural, apresentando uma estrutura funcionalista-interpretativista a ser usada para a análise cultural no estudo de caso, o

povo Konkomba de Gana. Logo depois, serão apresentados três modelos missiológicos para a comunicação intercultural do evangelho, destacando quatro semelhanças entre os modelos que serão utilizadas no desenvolvimento da abordagem de comunicação do evangelho proposta.

2. Comunicação intercultural

Shaw e Van Engen (2003: 103) defendem que os missionários, muitas vezes, perdem a conexão entre a proclamação do evangelho e as teorias da comunicação, e afirmam a necessidade crucial de se estudar e praticar sua missão valendo-se dos princípios culturais e comunicacionais.

A comunicação intercultural é uma linha de estudo que pertence tanto à teoria da comunicação quanto à análise cultural, pois combina as duas áreas. Ting-Toomey (1999: 272) propôs que a comunicação intercultural ocorre quando indivíduos, influenciados por diferentes comunidades culturais, negociam significados.

Gudykunst (2003: 163-166) explicou que alguns estudiosos se referem à comunicação intercultural como um fenômeno que ocorre expressamente entre pessoas de diferentes nacionalidades, enquanto outros ampliam o conceito à comunicação que ocorre entre representantes de diferentes grupos étnicos, religiosos ou regionais. Os autores desse último grupo defendem que qualquer encontro de indivíduos pode ser compreendido como um encontro intercultural.

A atual definição da comunicação intercultural foi alterada ao serem inseridos valores acadêmicos, antropológicos e científicos em sua conceituação e experiência, conforme expresso em obras como *Beyond Culture* [Além da Cultura] (Hall 1976), *Communicating with Strangers* [Comunicação com Estranhos] (Gudykunst and Kim 1997), *Communicating across Cultures*

[Comunicação entre Culturas] (Ting-Toomey 1999), *Handbook of Intercultural and International Communication* [Manual de Comunicação Intercultural e Internacional] (Gudykunst and Bella 2002) and *Cross-Cultural and Intercultural Communication* [Comunicação Intercultural e Intercultural] (Gudykunst 2003).

Segundo Hiebert (2008: 14-15), a interculturalidade emerge do movimento entre culturas, não necessariamente da diversidade cultural. Desse modo, a interculturalidade pode ser entendida como tudo o que ocorre a partir do encontro de culturas. Por um lado, o encontro de culturas é destacado por meio da construção das ciências sociais, da medida da diferenciação linguística e sociocultural dentre os diferentes grupos; mas, por outro lado, também coloca em discussão as suas semelhanças.

A construção do conceito da comunicação intercultural encontra lugar comum junto à base de conhecimento sobre os conceitos de cultura e semiótica para explicar os fundamentos teóricos da comunicação entre culturas com suas trocas de símbolos e ideias. Assim, entende-se que a comunicação intercultural é o processo de uma troca de movimentos simbólicos, envolvendo diferentes padrões culturais, que resulta no entendimento mútuo.

2.1 Estrutura funcionalista-interpretativista

No ambiente da interculturalidade, Schultz e Hatch, no artigo “Vivendo com Múltiplos Paradigmas: O Caso da Interação Paradigmática nos Estudos de Cultura Organizacional” (1996), refletiram nos estudos de Burrell e Morgan (1979), Gioia e Pitre (1990), Hassard (1988), Parker e McHugh (1991), Weaver e Gioia (1994) e Willmott (1990), e apresentaram uma nova estratégia chamada Paradigm Interplay [Interação entre Paradigmas], sugerindo que os paradigmas para estudos culturais não só poderiam ser comparados como também aplicados de maneira intercambiável em diferentes áreas.

Schultz e Hatch (1996: 529) usaram o funcionalismo (Durkheim 1949; Radcliffe-Brown 1952; Parsons 1951; Merton 1957) e o interpretativismo (Schutz 1967; Garfinkel 1967; Geertz 1973) como uma maneira de apresentar a estratégia no contexto dos estudos da cultura organizacional, o qual é basicamente construído com ênfase na compreensão simultânea tanto dos contrastes como das semelhanças encontradas entre dois ou mais paradigmas. Eles afirmam que as semelhanças entre as duas teorias inspiram a interação entre os paradigmas.

Em sua estratégia, analisando e contrastando o funcionalismo e o interpretativismo, eles identificaram três implicações da interação: generalidade/contextualidade, clareza/ambiguidade e estabilidade/instabilidade. Além disso, de acordo com a estratégia de interação, o reconhecimento da interdependência entre essas teorias permite que o pesquisador chegue a uma compreensão mais complexa, e entenda os meandros da cultura organizacional (Schultz e Hatch 1996: 552).

O funcionalismo e o interpretativismo diferem na área dos estudos da cultura organizacional, pois definem uma estrutura analítica. Para Schultz e Hatch, a estrutura de análise funcionalista é predefinida e universal, apresentando níveis e funções similares da cultura encontrados em toda a unidade. Já a estrutura de análise interpretativista é emergente e específica, com oportunidades para a criação de entendimentos de uma maneira única em cada contexto cultural.

Os modelos para análise das informações também são diferentes. Os funcionalistas abordam a cultura em um padrão categórico, buscando a identificação de elementos culturais e descobrindo as relações causais entre eles, enquanto a abordagem interpretativista é mais associativa, buscando significados e explorando as associações entre eles. Em termos do processo analítico,

os funcionalistas são convergentes, condensando e reunindo os elementos da análise cultural, enquanto os interpretativistas são divergentes, expandindo e enriquecendo a análise cultural.

Essa estrutura teórica é utilizada na análise cultural do povo Konkomba, de Gana, em uma avaliação etnográfica, combinando-se as análises de segmentos e funções da cultura em uma abordagem funcionalista e também a busca dos significados e implicações que vão além da realidade local sob uma perspectiva interpretativista.

2.2 Modelos missiológicos de comunicação intercultural do evangelho

Três modelos de análise cultural e comunicação do evangelho são apresentados, trazendo contribuições fundamentais para o nosso objetivo. O primeiro é o Modelo dos Quatro Horizontes, formulado por Daniel Shaw e Charles van Engen (2003), um processo hermenêutico para a comunicação do evangelho. O segundo foi desenvolvido por Christeena Alaichamy (1997), e denominado Modelo Tridimensional. Ela propõe que a comunicação ocorra em três partes: aproximação (ou acoplamento), comunialidade (ou o trabalho de se encontrar coisas em comum) e a criação da ponte, a finalização da conexão. E o último é o resultado do trabalho de vários teólogos e missiólogos, como Kevin Vanhoozer (2016), Leslie Newbigin (1986), Michael Goheen (2011) e Christopher Wright (2014), que defendem uma abordagem hermenêutica da leitura das Escrituras como uma grande história.

O Modelo dos Quatro Horizontes coloca ênfase em diferentes visões de mundo representadas em vários contextos com o objetivo de comunicar o que Deus disse por meio do contexto específico das revelações do Antigo Testamento; do significado das revelações de Deus no Novo Testamento e que envolvem um novo entendimento do Antigo Testamento; do comunicador

do evangelho; e dos destinatários contemporâneos. Ele foi projetado para colaborar com uma hermenêutica eficaz para se comunicar o evangelho em um contexto intercultural (Shaw e Van Engen 2003: 82-95).

Quatro horizontes são destacados: (1) Deus, (2) o contexto particular no qual Deus falou, (3) o contexto do comunicador e, finalmente, (4) o contexto dos novos destinatários. Esse modelo afirma que novas informações de contextos específicos podem trazer novas perspectivas comunicacionais e aplicativas para os textos bíblicos (Shaw e Van Engen 2003: 97). Os autores afirmam que o evangelho sempre será comunicado em um contexto particular, e entendido em uma matriz cultural específica, de modo que todos os horizontes devem ser levados em consideração ao proclamar o evangelho (Shaw e Van Engen 2003: 98).

O segundo modelo foi desenvolvido por Christeena Alaichamy (1997), denominado Modelo Tridimensional. Ela propõe que a comunicação deve ocorrer em três partes: acoplamento, comunalidade e ponte. O acoplamento conecta a mensagem às suposições dos destinatários, mediando entre o conteúdo e os destinatários. A comunalidade identifica o que é comum ao autor e ao público: visão de mundo, história, suposições ou outros elementos comuns. A ponte cria uma conexão entre a mensagem pretendida e o contexto do destinatário, sendo o autor ou o tradutor o principal responsável para fazer isso (Shaw e Van Engen 2003: 117).

A estrutura técnica do método é baseada em três partes: análise, síntese e apresentação da mensagem. Assim, a comunicação do evangelho deve acontecer como uma iniciativa deliberada de se analisar a mensagem a ser comunicada, resumida em uma estrutura de comunicação acessível e apresentada de uma maneira que seja plenamente compreensível e aplicável ao contexto do destinatário.

O terceiro modelo é uma perspectiva hermenêutica da leitura das Escrituras como sendo uma grande história. É o resultado de vários estudos conduzidos por vários teólogos, misiólogos e estudiosos, e consiste basicamente na compreensão teológica de que a mensagem bíblica (qualquer mensagem ou passagem nas Escrituras) faz parte de uma grande história unificada e deve ser comunicada como tal.

Esse conceito hermenêutico é baseado em três movimentos principais. O primeiro é abordar e abraçar a Escritura como a narrativa que dá sentido a toda a história humana. Newbiggin (1986: 61) argumenta que a fé cristã é a lente pela qual devemos observar e entender toda a história, não apenas a religião cristã. A Escritura, portanto, não é uma história restrita aos cristãos, mas a única narrativa universal verdadeira para o mundo inteiro. Para N.T. Wright (1992: 6), a Bíblia é um drama que consiste em eventos que expõem a verdade sobre Deus e sobre a humanidade, especialmente ao narrar a história da redenção. O reformador João Calvino (1846: 48-49) afirma que a realidade da criação e o seu significado são compreendidos apenas pela revelação de Deus, pela fé. Embora a criação seja uma manifestação de Deus, ela não é autoexplicativa, pois só pode ser completamente entendida por meio da revelação de Deus pela fé; portanto, toda a Escritura é crucial para guiar a humanidade a toda a verdade de Deus. Goheen (2011: 204) afirma que a proclamação do evangelho deve ser narrativa, centrada em Cristo e missionária; e deve ser comunicada como uma narrativa integrada, pois as Escrituras revelam uma história que se desenrola, que é a verdadeira história do mundo.

O segundo movimento é o de abordar a história humana e o contexto humano sob uma perspectiva profética e apologética, contrastando a visão de mundo e seu conceito secular, seus valores, princípios, convicções, religiões e

comportamento com a verdadeira história revelada por Deus nas Escrituras, e tendo a igreja como a sua mensagem viva. Kevin Vanhoozer (2016: 17) afirma que o drama da doutrina expõe a igreja diante do mundo para testemunhar a verdade de Deus por meio da proclamação do evangelho e do impacto do testemunho da igreja. Goheen (2011: 215-217) apresenta uma explicação completa desse entendimento, defendendo a combinação de palavras e ações. Ele define evangelismo como uma comunicação verbal do evangelho (vida, morte e ressurreição de Jesus), e afirma que a proclamação sem uma vida cristã pública saudável prejudica a comunicação do evangelho, que ambas, palavras e ações, devem trabalhar juntas, apresentando o evangelho de forma aplicável e verossímil.

O terceiro movimento é uma combinação dos dois primeiros, aplicado a um contexto local. Trata-se da criação de uma parceria com a população local visando facilitar a sua própria compreensão e aplicação da verdade bíblica em seu contexto. Goheen chama a atenção para esse ponto, e chama de evangelismo orgânico o esforço da igreja que vive e proclama o evangelho na vida cotidiana de uma maneira que faça sentido para as perguntas cotidianas. Ele defende que essa abordagem exige intencionalidade e paciência por parte do comunicador, que deve ouvir, interagir e dialogar com o público, prestando atenção concentrada na pergunta: “Quais são as fomes mais profundas para as quais o evangelho oferece resposta?” (2011: 9, 216).

Existem quatro semelhanças nos três métodos apresentados que são relevantes e aceitas neste estudo. A primeira semelhança é o reconhecimento da mensagem original contida nas Escrituras, que jamais deve ser alterada, e que deve ser fielmente comunicada. Qualquer alteração da mensagem bíblica original, seja por qualquer motivo, deturpará a comunicação do evangelho. A segunda semelhança vem do reco-

nhecimento de uma tensão – ou de um desafio – ao lidar com a mensagem bíblica aplicada em um contexto cultural humano. Três desses contextos são destacados: o contexto no qual as Escrituras foram reveladas, Antigo e Novo Testamentos; o contexto do comunicador; e o contexto do público. É preciso conhecer os contextos para uma comunicação inteligível e aplicável do evangelho. A terceira semelhança é a convicção de que Deus está agindo e guiando a comunicação de sua mensagem dentro do contexto humano. É Deus quem promove a comunicação do evangelho. A quarta semelhança é a necessidade de se usar uma apresentação mais abrangente e unificada do evangelho; que o evangelho não é composto de poucas frases com significado específico, mas de toda a revelação de Deus em toda a Escritura.

3. O povo Konkomba de Gana

A análise cultural do povo Konkomba de Gana combina a avaliação etnográfica de segmentos e funções da cultura em uma abordagem funcionalista e também busca por conexão, significado e implicações que vão além da realidade local, sob uma perspectiva interpretativista.

3.1 Visão geral

Embora o povo Konkomba seja percebido pelos estrangeiros como sendo um só grupo, eles se veem como um grupo que possui diferentes divisões socioculturais, cada uma com perfis culturais e dialetos distintos. Segundo Tait, as tribos Konkombas mais conhecidas são os “Betshabob, o Bemokpem, o Benafiab, o Begbem, o Besangma e o Bekwom” (1961: 151). Seu território localiza-se no nordeste de Gana e no noroeste do Togo, cuja população estimada, em 2019, era de mais de 1 milhão. De acordo com o Ethnologue, os principais dialetos Konkombas são Komba, Lichabol, Ligbeln, Likoonli (Likonl, Liquan), Limonkpeln, Linafiel e Nalong. Eles fazem parte do grupo

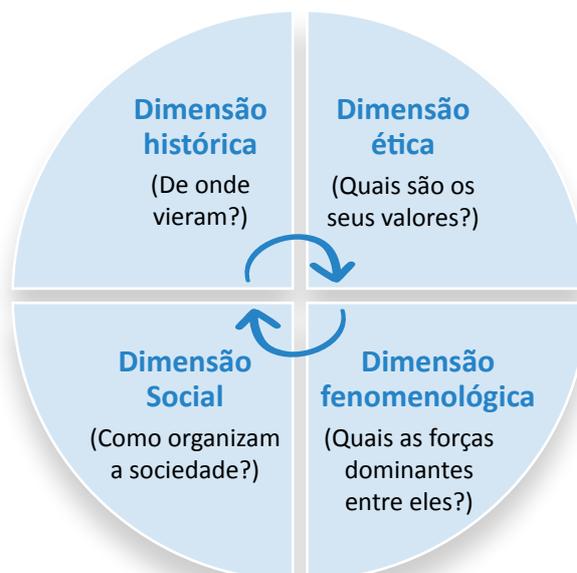
étnico Gur, e falam diferentes dialetos (Lewis 2009; 2015).

A imagem completa do povo Konkomba dos dias de hoje abrange o tradicional e o moderno, vilas e cidades, bem como a religião tradicional e o cristianismo. No entanto, a figura apresentada neste artigo, que é uma visão parcial e específica, é a da cultura tradicional dos agricultores Konkombas praticando a sua religião tradicional e vivendo em sua terra natal.

As fontes de informação sobre os Konkombas são os estudos etnográficos de David Tait (1958; 1961), estudos sobre pessoas e culturas de Gana (Allison 1997; Assimeng 2007; Fortes 1945; Fortes 1987 e Opoku 1978) e a investigação antropológica de campo realizada pelo autor, de 1993 a 2001, enquanto servia como missionário¹ entre o povo Konkomba de Gana, de dialeto Limonkpehn, no vilarejo de Koni e arredores, região de Nkwanta, nordeste de Gana (Lidorio 2001).

3.2 Quatro dimensões: histórica, ética, social e fenomenológica

Este estudo propõe a organização e análise dos dados culturais em quatro dimensões, as quais possuem a capacidade de organizar elementos culturais em uma perspectiva funcionalista-interpretativista. Assim, os dados culturais dos Konkombas foram organizados de acordo com funções e segmentos, e analisados como parte da unidade cultural, propondo os significados simbólicos. Eles estão dispostos em quatro componentes – histórico, ético, social e fenomenológico – conforme mostra a figura a seguir.



A dimensão histórica aborda a questão: de onde vieram? Ela lida com a origem do grupo de pessoas de acordo com a sua própria visão de mundo, e procura relatos, crenças, mitos e registros religiosos que indicam como o grupo entende a sua própria origem. As áreas investigadas são: início, criação e ancestralidade, território e terra.

A dimensão ética aborda a seguinte pergunta: quais são os seus valores? Essa dimensão está relacionada aos valores sociais e morais, e deve abranger áreas como a herança secular do grupo cultural, o parentesco e a herança religiosa. As áreas investigadas são: tradição, rupturas e identidade tribal.

A dimensão social busca responder à pergunta: como eles organizam sua sociedade? Esse estudo etnográfico aborda o ajuntamento, a organização social e as categorias sociais. As áreas investigadas são: autoridade social, família e a formação de clãs.

A questão da dimensão fenomenológica é: quais são as forças dominantes entre eles? Essa dimensão explora como o grupo percebe o mundo espiritual, visível e invisível. As áreas investigadas são: ritos e cerimônias, reverência aos ancestrais, pessoas espirituais, entidades espirituais, remédios místicos, morte e funerais.

¹ O autor serviu como missionário entre os Konkombas de dialeto Limonkpehn, enviado pela Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) e pela WEC International para a igreja evangélica de Gana (ECG) como plantador de igrejas e tradutor da Bíblia de 1993 a 2001.

3.2.1 Dimensão histórica

Início. Na perspectiva do povo Konkomba, o início dos tempos não é claro, mas está relacionado ao criador de tudo e aos primeiros ancestrais. Os mitos mencionam um tempo antigo, quando a primeira família rompeu seu relacionamento com o criador. Os mitos dentre os Konkombas são basicamente mitos relacionados à origem, renascimento e renovação, seres espirituais apotropaicos e transformação. Não existem mitos messiânicos ou soteriológicos conhecidos, embora exista uma forte crença na vida após a morte em uma espécie de casa de Deus, *Uwumbordo*. Existem centenas de mitos sobre heróis, os quais são basicamente ancestrais; e existem diferentes mitos totêmicos, particularmente ligando as origens dos clãs com tipos específicos de animais (Lidorio 2001: 93, 115; Tait 1961: 59, 226; Opoku 1978: 26).

Criação e ancestralidade. *Uwumbor* é identificado como o criador de tudo e é uma entidade pessoal. Ele é bom e misericordioso. Ele está em toda parte e pode ver tudo, mas não interage com as pessoas. Não está claro como ele permite ou interage com o mal, pois a vida também pode ser tomada por espíritos malignos. Ancestrais míticos são os espíritos de anciãos importantes que morreram. Eles estão conectados a *Uwumbor* e a uma influência totêmica; e também continuam a se conectar com suas famílias e são reverenciados, comunicando-se através dos anciãos vivos. Acredita-se que tenham grande poder e sabedoria, uma vez que agora estão no mundo invisível (Tait 1961: 43, 54; Lidorio 2001: 86-87, 115; Lévi-Strauss 1983: 290; Opoku 1978: 10, 36-37; 54-56, 60).

Território e terra. O território está conectado aos ancestrais de um grupo, e todos os clãs, segmentos, linhagens ou famílias traçam sua história até o território de seus ancestrais. Acredita-se que esses territórios forneçam e transfram poder espiritual para as pessoas. A identidade Konkomba está conectada à sua terra, ao con-

ceito de território e principalmente à formação de suas casas. Esses não são apenas locais de residência e cultivo, mas áreas com significados sociais e espirituais sob a influência protetora geral dos ancestrais (Tait 1958: 180; Tait 1961: 14; Dawson 2009: 84; Lidorio 2001: 16-17).

3.2.2 Dimensão ética

Tradição. Um dos valores mais importantes é a capacidade de entender e manter tradições. As principais tradições dizem respeito ao conhecimento de mitos, relações com ancestrais, uso da linguagem e realização de ritos familiares, incluindo funerais. Todas as tradições são mantidas pelo grupo e não por um indivíduo, pois os Konkombas se veem como uma comunidade que envolve não apenas os vivos, mas também os mortos, suas memórias e influência (Lidorio 2001: 12, 17, 18, 42-43; Opoku 1978: 35-36; Fortes 1987: 66-67).

Rupturas. Lealdade, recompensa, vergonha e honra são valores do grupo que estão conectados de modo especial às tradições. Negligenciar a realização de um funeral aos pais, de acordo com a expectativa da sociedade, é visto como uma desonra à sua memória. Negligenciar o sacrifício ou derramamento de libação também é visto como desonra à família. Em certo sentido, o pecado é percebido como qualquer tipo de abandono dos principais elementos tradicionais, especialmente aqueles que envolvem os ancestrais ou a linhagem patriarcal (Tait 1961: 59; Lidorio 2001: 51; Evans-Pritchard 1966: 326).

Identidade tribal. Embora exista um senso de unidade baseado na genealogia, a força dos grupos encontra-se nos clãs, descendência, linhagens e famílias. Eles se consideram diferentes das tribos não-Konkombas, e estão profundamente conectados com a sua terra e território. Sua identidade é baseada principalmente no entendimento e na manutenção das tradições tribais, com ênfase na manutenção e na formação dos clãs e também na relação mística com os ances-

trais e totêmica com a natureza (Tait 1958: 180; Talton 2010: 1; Fortes 1987: 66-67).

3.2.3 Dimensão social

Autoridade social. A principal autoridade social do grupo são os idosos, vivos e mortos, incluindo os ancestrais. Essa autoridade é usada para criar e manter os clãs, descendências, linhagens e famílias juntas. Outra camada de autoridade deriva de uma chefia que pode tomar decisões ou reunir os anciãos com o mesmo objetivo. Uma terceira camada pode ser encontrada nos líderes espirituais, adivinhos, guardiões de totens, feitiçeiros e bruxos. Uma última autoridade social pode ser encontrada no consenso do grupo, sempre que se julgar apropriado, o qual normalmente surge da conciliação de algumas das demais camadas de autoridade (Tait 1961: 34, 61, 77-78; Assimeng 2007: 36, 167; Lidorio 2001: 45, 56-60; Opoku 1978: 36-37).

Família. Uma família Konkomba tradicional é extensa, patrilinear (a organização familiar se dá pela linhagem paterna), patrilocal (a família/clã permanece na terra pertencente ao patriarca), monogâmica ou poligâmica, e formada por um grupo residencial composto por uma série de parentes próximos da linha patrilinear, onde homens dessa mesma linhagem dividirão o espaço com suas esposas e filhos. O casamento acontece mediante acordo, consentimento ou troca em um formato monogâmico ou poligâmico, e sempre envolve negociação formal. Todos os casamentos ocorrem dentro de um sistema de herança patrilinear. O casamento por acordo se dá a partir de um acordo formal entre duas famílias mediante o nascimento dos filhos. Tornam-se, assim, prometidos um para o outro ainda na infância. O casamento por troca conecta indivíduos em um sistema binário: um homem dará sua irmã, sobrinha ou prima a seu futuro cunhado para receber uma esposa em troca. Ambos relacionamentos permanecem interligados, e a ruptura de um produz a quebra

do outro. Ultimamente, o casamento também pode ocorrer mediante consentimento mútuo, quando um rapaz e uma moça se propõem a casar, e o rapaz apresenta aos sogros o dote requerido que envolve, normalmente, alguns anos de trabalho na roça do sogro e uma certa quantidade de inhame; bem como panos, barras de sabão e panelas para a sogra. Também dinheiro. De todo modo, o casamento é um longo processo formal ao redor de acordos familiares (Tait 1961: 93-94, 160-162; Lidorio 2001: 12, 70-71).

Os clãs. Existem três tipos principais de clãs: o unitário, o familiar e a forma especial do familiar, o contraponto. A formação de clãs é um fator definidor da organização da vida entre os Konkombas, pois estabelece possibilidades e acordos de casamento, dimensões de lealdade em vários níveis, chefia, padrões familiares, cerimônias religiosas, direitos à terra e várias outras especificidades sociais. A estrutura social Konkomba baseia-se em poderosas lealdades étnicas aos clãs e acordos interclânicos, mas também ocorrem divisões em novos clãs, bem como disputas e guerras (Olson: 1996: 296; Tait 1961: 69; Lidorio 2001: 65).

3.2.4 Dimensão fenomenológica

Ritos e cerimônias. Existem ritos e cerimônias para todos os momentos importantes da vida. Após o nascimento, a criança recebe um medicamento tradicional para protegê-la dos maus espíritos. Durante a adivinhação, ofertas são dadas aos antepassados para agradecê-los por sua orientação. Sacrifícios de animais são feitos para agradar aos antepassados e buscar sua ajuda. A qualquer momento que um ancião julgar ser apropriado, libação (oferta mediante derramamento de líquido) é usada para prestar respeito e agradar aos ancestrais, bem como validar alguma ação ritualística. Cerimônias seguidas de sacrifícios são usadas para proteção contra feitiçaria e bruxaria. Os sacrifícios que

visam a proteção geralmente acontecem durante uma gravidez, nascimento, nomeação de um filho, casamento, viagens e no plantio das roças, bem como ao enfrentarem doenças, libertações, curas e durante funerais (Tait 1961: 21, 35, 43, 54; Allison 1997: 87-90; Lidorio 2001: 84, 86-87; Sarpong e Adusei 2012: 70; Sundermeier 2002: 10; Opoku 1978: 9, 11, 54, 56, 60).

Reverência aos antepassados. Os antepassados são homenageados por suas famílias, linhagens e clãs por meio de ritos, cerimônias e atos gerais de reverência. As principais maneiras de expressar reverência aos antepassados incluem o derramamento de libação, os sacrifícios e a manutenção dos santuários e dos ídolos da família. A responsabilidade dessas tarefas recai sobre os ombros dos anciãos da família e dos filhos mais velhos de um complexo familiar. Acredita-se que a conexão com os antepassados assegure bênçãos durante a vida e a proteção após a morte (Fortes 1987: 66-67; Fage 1961: 7; Kopytoff 1971: 129-131; Lidorio 2001: 42-45).

Pessoas espirituais. Num certo sentido, a categoria de pessoas espirituais abrange todas as pessoas do grupo, pois não há uma divisão clara entre realidades materiais e espirituais. Existem, no entanto, categorias especializadas: anciãos encarregados pela libação, pelos santuários e pelos sacrifícios em uma família extensa, linhagem ou clã; anciãos que são conselheiros sobre tabus tribais; adivinhos que guiam as pessoas por meio do contato com os ancestrais; guardiões de totens, ídolos, amuletos espirituais, remédios e objetos sagrados da família; controladores de espírito, pessoas que, acredita-se, controlam certos espíritos e impedem seus ataques; sacerdotes, que realizam cerimônias mais elaboradas, normalmente ligadas a espíritos específicos; feiticeiros, os que manipulam remédios, espíritos e outros elementos para fazer o bem ou o mal; e bruxos que, acredita-se, atacam espiritualmente e até matam outras pessoas com um poder espiritual sempre maligno. Durante tempos de

conflito, alguns também se destacam: *ululedaan*, aquele que pode desaparecer; *kidjakamon*, aquele que não pode ser ferido por balas e flechas; e *udjakanja*, o guerreiro que vencerá a guerra com seu poder espiritual (Lidorio 2001: 47-48, 89; Opoku 1978: 37; Tait 1961: 59).

Entidades espirituais. Existem várias categorias de entidades espirituais dentro o grupo Konkomba. Os mais conhecidos são deus (*Uwumbor*), o criador de todas as coisas; antepassados antigos, normalmente relacionados aos clãs nos tempos antigos; antepassados de um clã, linhagem ou da genealogia da família; espíritos, que nunca foram seres humanos, mas podem ser manipulados por pessoas; espíritos da mata, que são maus e dificilmente podem ser manipulados pelas pessoas; espíritos malignos poderosos que podem controlar outros espíritos; anões, que vivem na mata e podem atacar pessoas; espíritos transformacionais, que podem habitar pessoas e animais em uma relação totêmica; espíritos que habitam em santuários; poderes espirituais relacionados a ídolos e objetos sagrados; e forças totêmicas espirituais que são impessoais. Alguns deles são conhecidos por nome e habilidades também associados a algum ídolo. *Kininbong* é o principal espírito maligno. *Tywonpamakan*, espíritos malignos ou demônios, que podem assumir formas diferentes, como árvores, pedras e seres humanos. *Inyameh* é um espírito que segue alguém durante a noite e se mostra como fogo. *Utoye* também segue as pessoas durante a noite e faz um som específico, mas não é visto como perigoso. *Nwaar* é um ídolo como *grumadii*, *tigalii* e *nkunpatapa*: aquele que mata os que cometem erros. *Nana* (avô) é um dos ídolos principais, o qual precisa ser construído primeiro, antes de outros ídolos. *Grumadii*, conhecido como tendo grande poder, pode ser invocado por seus seguidores para proteger ou prejudicar as pessoas (Tait 1961: 223; Opoku 1978: 10-11; Lidorio 2001: 88-90).

Medicamentos místicos. Uma grande variedade de amuletos, talismãs e medicamentos místi-

cos são usados pelo grupo para proteger, atacar ou matar pessoas, e podem ser fabricados tanto por pessoas comuns como por homens espirituais. Feiticeiros e bruxos são conhecidos por fazer tipos específicos de medicamentos místicos, incluindo venenos. Objetos sagrados são usados para proteger crianças, mulheres grávidas e aqueles que estão cultivando, construindo ou viajando. Os medicamentos místicos são usados principalmente para curar aqueles que estão doentes e para proteger alguém dos espíritos malignos. A fim de impedir que bruxos, mágicos, feiticeiros e outros poderes malignos prejudiquem alguém, uma pessoa pode ser colocada sob a proteção de uma entidade espiritual usando seus talismãs e *jujus*. Podem ser usados no pescoço ou, no caso de mulheres, na cintura ou no pulso, ou pendurados no batente da porta da casa. *Yenho* são amuletos feitos pelo *unhodaan*, um curandeiro, para diferentes propósitos: proteção contra cobras e venenos, ou ainda para aumentar a produção agrícola e dar força extra durante um período de conflito. *Bikpuaniib* é um pano que é colocado do lado de fora quando um *kebek* (um instrumento tradicional) é tocado, invocando espíritos adivinhos para se fazer previsões (Lidorio 2001: 88-90; Tait 1961: 232-233; Evans-Pritchard 1966: 322; Opoku 1978: 147 -149).

Morte e funeral. Existem três níveis diferentes de funeral: *likpuul*, realizado três ou quatro dias após a morte; *ubua*, que pode ser repetido algumas vezes dependendo da idade, do clã e do status social da pessoa morta; e *ubuarja*, o funeral final. O funeral possui muitos significados e funções diferentes: manter a tradição e a unidade familiar, homenagear publicamente a importância da pessoa morta, mostrar o status da família na sociedade e guiar cerimonialmente o espírito da pessoa morta para a libertação (Sundermeier 2002 : 10; Lidorio 2001: 76, 84; Opoku 1978: 135; Matsunami 1998: 64; Sarpong e Adusei 2012: 71-72; Fortes 1949: 323).

3.3 Perfil sociocultural e algumas implicações fundamentais para a comunicação do evangelho

A partir da abordagem funcionalista-interpretativista da identidade cultural do povo Konkomba de Gana, a organização dos dados em uma perspectiva histórica, ética, social e fenomenológica, quinze pontos serão destacados, os quais, em boa medida, apontam para o perfil sociocultural do grupo, passando-se, logo após, a uma reflexão sobre algumas implicações fundamentais para a apresentação do evangelho ao povo em questão.

INFORMAÇÃO CULTURAL KONKOMBA

1. Estrutura existencial: históricos, tradicionais e teofânicos.
2. Estrutura de origem: criação e criador definidos.
3. Sistema familiar: clânicos com famílias estendidas, monogâmicas ou poligâmicas.
4. Sistema social: multicultural e multilingual.
5. Sistema de linhagem: patrilocal e patrilinear.
6. Fundamentos de valor: lealdade, recompensa, vergonha e honra.
7. Atos da vida: Nascimento, nomeação, casamento e funeral.
8. Atos da providência: autoridade espiritual dos ancestrais e rituais místicos.
9. Atos de adoração: adivinhamentos, sacrifício animal, libação, consagração de ídolos, objetos e lugares especiais.
10. Categorias humanas: anciãos, chefes, conselheiros, guardiões de ídolos, guardiões de espíritos, feiticeiros e bruxos.
11. Categorias espirituais: deus, ancestrais místicos, ancestrais, espíritos, espíritos da mata, anões místicos, espíritos transformacionais, espíritos de lugares sagrados, espíritos de ídolos.
12. Força mantenedora da vida: mecânica, totemica, mágica e amoral em submissão às forças espirituais pessoais.
13. Magia: talismãs, amuletos, objetos místicos para proteção, ataque ou morte, porções

místicas e objetos de proteção de lugares sagrados.

14. Mitos de cosmogonia: casa de deus (*uwumbor*), céu (*paacham*) e ancestrais míticos (*eldertiib*).
15. Ritos: expiatórios e apotropaicos conduzidos pelos anciãos.

A seguir, algumas implicações iniciais para a apresentação do evangelho para o grupo perante o seu perfil sociocultural condensado nos quinze pontos mencionados.

3.3.1 Estrutura existencial: históricos, tradicionais e teofânicos

Como históricos e tradicionais, o grupo se interessa pelas narrativas bíblicas históricas e seus significados. Tem especial apreço pelas narrativas da criação, dos patriarcas e das alianças entre Deus e os homens. Como teofânicos, o grupo tende a ser aberto à aceitação da Bíblia como a revelação de Deus. A falta de clara distinção entre os conceitos de deus, espíritos e ancestrais apresenta um desafio que deve ser respondido com clara e frequente exposição bíblica sobre a natureza e os atributos de Deus, natureza e ações dos anjos e demônios, e uma minuciosa exposição sobre a criação dos seres humanos. A relação espiritual do grupo com seus ancestrais em uma perspectiva teofânica, bem como dos ancestrais com o universo em uma perspectiva totêmica, podem apresentar as maiores barreiras para a compreensão da singularidade de Cristo.

3.3.2 Estrutura de origem: criação e criador definidos

A percepção cultural da origem do universo, que envolve *uwumbor* como criador, é um caminho aberto para a apresentação da verdade bíblica da criação e do Criador. Como *uwumbor* é um espírito desconhecido, conectado na crença do grupo diretamente com a criação, com poder absoluto e, diferente dos demais espíritos aéticos (bons e maus) é visto como

ético (totalmente bom), não havendo sobre ele qualquer outra narrativa além da criação do universo e de ter levado consigo o céu (*paacham*) quando percebeu a desobediência do homem que criou, indica um termo seguro na língua local para 'Deus' na tradução bíblica. É essencial que nos fundamentos da apresentação do evangelho se desenvolva uma ampla exposição bíblica sobre Deus, sua natureza e atributos.

3.3.3 Sistema familiar: clânicos com famílias estendidas, monogâmicas ou poligâmicas

O grupo, formado por uma estrutura clânica com famílias estendidas, busca por respostas na comunidade, não nos indivíduos. Também possui uma dinâmica naturalmente competitiva na relação interclânica. Assim, a apresentação do evangelho para o grupo deve, desde um primeiro momento, abranger todos os clãs e categorias familiares, não ficando restrito a alguns. Os anciãos são a parte central da sociedade, à frente de todos os processos de decisão. A apresentação do evangelho aos anciãos é um passo importante. Perante a complexidade das relações familiares, torna-se essencial uma completa apresentação da teologia bíblica sobre a família.

3.3.4 Sistema social: multicultural e multilingual

É crucial ter a Bíblia traduzida para as línguas Konkombas, bem como facilitar a alfabetização dos Konkombas para a leitura da Palavra. Outros meios orais para o uso das Escrituras podem e devem ser usados, e todos os meios comunicacionais devem ser abrangentes tendo em vista a diversidade de línguas e culturas dentro dos grupos e subgrupos Konkombas. Anciãos devem ser especialmente introduzidos na leitura da Palavra e meditação na Palavra para que, por meio deles, suas famílias sejam também encorajadas a acessar e ler as Escrituras. Exposições bíblicas sobre a missão, Deus chamando pessoas de todas as línguas e culturas em Cristo Jesus, devem ser feitas desde o início.

3.3.5 Sistema de linhagem: patrilocal e patrilinear

Perante um grupo patrilocal e patrilinear clânico, a interação missionária com o grupo se dará com a permissão dos anciãos em cada clã e família. Serão necessárias três permissões de três anciãos (*ubor*, chefe da aldeia; *uninkpeln sakpuen*, chefe do clã; e *uninkpeln*, chefe da família) para se ter acesso à uma família local. Um relacionamento sincero, transparente e amoroso com os anciãos é essencial. O evangelho deve ser apresentado no ambiente da família estendida em ambiente patrilocal. A teologia bíblica sobre a família é importante na apresentação da fé cristã aos que vem a Cristo, bem como a apresentação bíblica do valor e importância da mulher no Reino de Deus. É importante abordar também os sistemas tradicionais de casamento à luz da Bíblia.

3.3.6 Fundamentos de valor: lealdade, recompensa, vergonha e honra

Exposições bíblicas sobre a vergonha e a honra devem ocorrer com frequência, com destaque para a vergonha perante o pecado e o chamado da igreja para honrar a Cristo, diferenciando a vergonha perante os homens, na omissão das práticas ritualísticas esperadas pelo grupo, da vergonha perante Deus. O conceito cultural de lealdade e recompensa baseados no temor devem ser revistos teologicamente, sendo apresentado o amor, não a recompensa, como a mais profunda motivação relacional de lealdade familiar. Na apresentação do evangelho, deve-se apresentar o conceito bíblico comunitário dos efeitos do pecado, mas também a responsabilidade individual perante ele. Esse ponto (o pecado e seu efeito no indivíduo) é um dos assuntos de maior complexidade perante uma sociedade profundamente coletivista com visão de mundo coexistente.

3.3.7 Atos da vida: nascimento, nomeação, casamento e funeral

Os quatro principais atos da vida são percebidos como momentos de submissão aos ancestrais

míticos em busca de aprovação e proteção dos espíritos. Esses atos da vida devem ser trazidos à luz das Escrituras, apontando para a submissão a Cristo. O nascimento deve ser percebido como resultado da criação e provisão de Deus, não resultado do zelo na prática dos ritos aos ancestrais. A nomeação do recém-nascido deve ser realizada como um resultado da iniciativa dos pais, honrando sua família e parentes, não uma tentativa de esconder a criança dos espíritos de morte sob um nome provisório com característica apotropaica. Casamentos devem ser vistos como privilégio dado por Deus e devem levar em conta o consentimento e desejo dos noivos, não são um mecanismo de acordos familiares que exclui os nubentes. Funerais devem ser apresentados como momentos de lembrar e demonstrar respeito pelos que partiram, não uma cerimônia para assegurar a felicidade na vida futura.

3.3.8 Atos da providência: autoridade espiritual dos ancestrais e rituais místicos

É crucial apresentar a teologia bíblica da providência divina e, nesse ambiente, expor o incentivo da Palavra sobre o respeito e honra aos antepassados, bem como o confronto da Palavra sobre a veneração e consulta aos que partiram. O ponto principal é a compreensão de Deus, não dos ancestrais, como provedor e mantenedor da vida.

3.3.9 Atos de adoração: adivinhamentos, sacrifício animal, libação, consagração de ídolos, objetos e lugares especiais

O ensino bíblico contra a idolatria deve abranger todos os atos tradicionais de adoração, de reconhecimento de qualquer outra fonte de poder e graça, senão o Senhor Deus. Deve-se expor sobre a idolatria em uma perspectiva ampla, envolvendo a relação com as forças visíveis e invisíveis em busca de proteção, provisão, cura e vingança.

3.3.10 Categorias humanas: anciãos, chefes, conselheiros, guardiões de ídolos, guardiões de espíritos, feiticeiros e bruxos

Há necessidade de haver um ensino de longo prazo sobre a teologia do pacto, sob a qual a relação entre Deus e os homens é apresentada. Deve-se destacar a singularidade do poder de Deus na condução da história entre os cristãos e não cristãos, no mundo visível e invisível. No surgimento da igreja, deve-se valorizar os anciãos e seus conselhos, em uma perspectiva bíblica.

3.3.11 Categorias espirituais: deus, ancestrais míticos, ancestrais, espíritos, espíritos da mata, anões místicos, espíritos transformacionais, espíritos de lugares sagrados, espíritos de ídolos

Perante o panteão de seres espirituais, em sua maioria aéticos e com diferentes naturezas, força e funções, é essencial a apresentação prolongada da teologia bíblica da criação, da singularidade de Deus (e seus atributos) e a teologia bíblica sobre anjos e demônios. Deve-se observar que a visão do grupo em relação aos seres espirituais mais conhecidos é aética e amoral, portanto o aspecto ético e moral dos anjos e demônios deve ser exposto com clareza.

3.3.12 Força mantenedora da vida: mecânica, totêmica, mágica e amoral em submissão às forças espirituais pessoais

A influência totêmica é construtora de uma cosmovisão elaborada de relação e interdependência entre os homens, a natureza e os animais em uma perspectiva binária. Torna-se importante o ensino bíblico de longo prazo sobre a criação, submetendo tudo e todos a Deus e sua vontade criadora, bem como o ensino de longo prazo sobre a redenção, expondo que a resposta cósmica à quebra universal não se encontra nos achados binários de relação entre os seres vivos, mas na morte de Cristo para salvação de todo aquele que crê, e também no juízo final de Deus, que julga todas as coisas. Assim, os inúmeros tabus gerados pela percepção totêmica, em busca de proteção, provisão e vingança, devem ser diretamente confrontados.

3.3.13 Magia: talismãs, amuletos, objetos místicos para proteção, ataque ou morte, porções místicas e objetos de proteção de lugares sagrados

Os processos de magia são tentativas de manipular o invisível em benefício do humano, o que deve ser contraposto bíblicamente. No surgimento da igreja, é essencial expor e praticar o ensino bíblico da oração, fazendo clara distinção entre a oração e a magia. Assim, a oração, como ato de submissão e diálogo com Deus em Cristo Jesus, deve permear toda a vida da igreja, nas casas e no culto público, perante as alegrias, enfermidades e tragédias, e em todas as circunstâncias da vida. Deve-se dar atenção especial à oração pelos enfermos em todos os ajuntamentos cúlticos e também orando por eles em suas casas.

3.3.14 Mitos de cosmogonia: casa de deus (uwumbordo), céu (paacham) e ancestrais míticos (eldertiib)

A escatologia bíblica deve ser parte de um ensino de longo prazo com claras respostas sobre o que vem após a morte, onde estão os ancestrais e a diferença entre a casa de Deus (*uwumbordo*) e o lugar sagrado (*paacham*).

3.3.15 Ritos: expiatórios e apotropaicos conduzidos pelos anciãos

A Teologia bíblica sobre o bem e o mal é necessária para responder às perguntas relativas ao sofrimento humano. Visto que a maior parte dos ritos apotropaicos se dedica à proteção, seja física ou espiritual, a teologia bíblica da singularidade do poder de Deus, bem como a sua vontade e provisão, gerando profunda dependência do Senhor, deve ser ensinada frequentemente.

4. Abordagem Kerygma para Investigação Sociocultural e Comunicação do Evangelho

Este artigo utiliza a expressão 'teologia bíblica temática' para se referir a uma teologia bíblica descrita e organizada por temas nas Escrituras, percebendo-a como uma só história.

A abordagem proposta, abreviadamente chamada de Abordagem Kerygma, orienta a aplicação de teologias bíblicas temáticas para tratar melhor as questões culturais destacadas pela estrutura das quatro dimensões em uma perspectiva funcionalista-interpretativista; e apresenta temas bíblicos com base em uma estrutura missiológica fornecida por elementos da abordagem do Modelo dos Quatro Horizontes, do Modelo Tridimensional e da Grande História em uma perspectiva hermenêutica, envolvendo as principais questões culturais previamente identificadas, respondendo-as biblicamente e abordando o público com uma aplicabilidade abrangente.

4.1 Visão geral

A Abordagem Kerygma foi desenhada para facilitar a comunicação do evangelho entre povos, grupos e subgrupos de alta complexidade comunicacional, especialmente aqueles que não foram expostos (ou foram minimamente) ao contexto e valores cristãos. Esse estudo compreende que a análise sociocultural em uma estrutura funcionalista-interpretativista, organizada e analisada em quatro dimensões, tem a capacidade de fornecer conclusões etnográficas seguras quanto ao grupo alvo. Além disso, a utilização das quatro semelhanças entre os modelos missiológicos propostos tem o potencial de desenvolver a identificação de respostas bíblicas temáticas que venham a abordar e tratar as questões existenciais fundamentais do grupo alvo. Assim, a expectativa é que tal abordagem fomente e facilite a comunicação do evangelho em ambiente intercultural, de forma teologicamente fiel e culturalmente aplicável.

A Abordagem Kerygma está organizada em sete estágios:

- (1) *Coletar e organizar os dados culturais obtidos por pesquisa de campo ou literatura.*
- (2) *Revisar a Abordagem Kerygma, seus conceitos e roteiro.*

- (3) *Preencher o questionário sugerido, composto por 215 questões culturais.²*
- (4) *Fazer a referência dos dados utilizados com sua fonte.*
- (5) *Construir um perfil cultural em quatro dimensões, analisando as informações de cada dimensão; e identificar as teologias bíblicas temáticas que abordam os principais temas levantados.*
- (6) *Resumir o perfil cultural em 15 tópicos, considerando as implicações para a comunicação do evangelho em cada um; e preparar as teologias bíblicas temáticas relacionadas a cada perfil cultural.*
- (7) *Apresentar as teologias bíblicas temáticas em cinco passos.*

As apresentações de teologias bíblicas temáticas são distribuídas em um sistema progressivo de cinco etapas:

- 1) *Escolhe-se uma porção (ou porções) da Escritura relacionada à teologia bíblica temática.*
- 2) *A explicação da narrativa é preparada e dividida em duas partes: o contexto original (que envolve o contexto do texto original e o público original) e a mensagem pretendida pelo texto.*
- 3) *As lições centrais relacionadas à narrativa são colocadas como parte da grande história bíblica e conectadas com as demais partes das Escrituras que lidam com o tema.*
- 4) *Os contrastes e as semelhanças entre as crenças culturais do público atual e as perspectivas bíblicas são investigados para que as perguntas atuais sejam respondidas biblicamente de forma clara.*
- 5) *É promovida a interação com o público com aplicações das verdades bíblicas no cotidiano das pessoas, tendo em mente a análise cultural e as respostas bíblicas em áreas específicas do tema.*

² O autor desenvolveu um questionário com 215 questões divididas em quatro dimensões (histórica, ética, social e fenomenológica) para possibilitar o processo de coleta, organização e análise dos dados culturais.

4.2 Teologia bíblica temática

A partir da análise sociocultural, foram identificados dezessete temas culturais que necessitam de uma resposta teológica bíblica. Redenção é uma das teologias bíblicas temáticas desenvolvidas por este estudo para apresentar o evangelho ao povo Konkomba de Gana como resultado da abordagem proposta. Servirá como exemplo, seguindo a estrutura sugerida, dividida em cinco passos conforme a seguir.

1º passo, uma narrativa bíblica é escolhida

Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que creem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. (Romanos 3.20-26)

Outras porções bíblicas auxiliares foram escolhidas para serem usadas de forma sistemática para a apresentação do tema ao longo de toda a Palavra: Gênesis 3; Gênesis 22.1-18; Levíticos 4.3-35; Salmos 98.1-3; Isaías 59.20-21; Lucas 2.1-14; Efésios 1.7-8; Hebreus 8; 1 Pedro 1.18-20; Apocalipse 5.1-10.

2º passo, a narrativa é explicada (texto, contexto e público original) com ênfase na mensagem pretendida

O apóstolo Paulo é responsável por tratar de gran-

des temas, como a inclusão dos gentios em uma igreja que teve início em ambiente judaico; a transição da adoração no templo para a adoração em todos os lugares; e o significado redentivo do sacrifício de Cristo, dentre muito outros. A carta aos Romanos foi escrita provavelmente no ano 57 depois de Cristo, quando o Império Romano dominava boa parte do mundo conhecido e ele, como apóstolo aos gentios, possuía cerca de 25 anos de experiência no plantio e edificação de igrejas locais. Ele entendia que Deus o havia chamado para aqueles que nada ouviram do evangelho e, assim, preparava-se para seguir para o lado oeste do Império, menos evangelizado. Escreve a carta à igreja em Roma para se apresentar, desejando visitá-los e, a partir de lá, ser enviado à Espanha para a pregação do evangelho. Essa igreja em Roma provavelmente havia sido plantada por meios de irmãos que estavam no Pentecoste (At 2.10), e era composta por judeus e gentios, possivelmente mais gentios, devido à expulsão dos judeus de Roma no ano 49 depois de Cristo. A carta trata de grandes temas para a fé Cristã, como a justiça de Deus, o evangelho de Cristo e o processo de redenção humana, dentre muitos outros.

No texto escolhido (Rm 3.20-26), a mensagem pretendida foi resumida em três pontos: (1) existe um efeito universal do pecado na humanidade (v. 20, 23); (2) a solução de Deus para a crise é histórica, universal e espiritual (v. 21, 22, 24); e (3) a salvação acontece conforme o modo designado por Deus por meio de um mecanismo específico (v. 25, 26).

3º passo, as lições centrais são identificadas

Duas lições centrais são identificadas na conciliação de Romanos 3.20-26 com os demais textos escolhidos no 1º passo.

A primeira é que o plano de Deus para redimir as pessoas existe porque os homens pecaram contra Deus, tendo sido expulsos de sua presença.

A segunda é que o plano de Deus para redi-

mir as pessoas foi motivado desde o início pelo amor, em sua própria vontade, culminando no sacrifício do Filho de Deus, Jesus Cristo.

4º passo, os contrastes e semelhanças são expostos

Na busca por semelhanças e contrastes entre a maneira tradicional dos Konkombas e a revelação bíblica de entender a redenção, dois aspectos se destacam.

O primeiro é a fonte da redenção. A semelhança é o entendimento, tanto pela cultura tradicional Konkomba quanto pelos ensinamentos bíblicos, de que o agressor, ele ou ela, não pode se redimir, pois precisa de um poder espiritual para perdoar, redimir e resolver a crise humana. O contraste é encontrado no fato de que os Konkombas buscam a redenção por meio de ritos sociais e espirituais que são realizados pela sociedade com a participação comunitária e de especialistas na sociedade tribal: anciãos, líderes de clãs, feiticeiros e outros. Na perspectiva bíblica, a fonte da redenção é puramente Deus. Ele é quem, por amor, escolhe e convida seu povo a ser transformado e libertado do pecado e da morte. Foi ele quem iniciou o movimento da libertação humana. Foi Deus quem enviou o Salvador, Jesus Cristo, para morrer pelos que pecaram, trazendo de volta os que creem.

O segundo aspecto é o mecanismo da redenção. A primeira semelhança entre os ritos Konkombas e a perspectiva bíblica é o reconhecimento de um universo quebrado nas dimensões moral, espiritual e legal. Ambos concordam que a redenção (em qualquer forma e tempo) é necessária, pois existe um mal na sociedade humana, no coração humano e no universo em geral. A segunda semelhança é a postura pessoal daqueles que buscam a redenção. Ambos retratam pessoas com uma atitude humilde. Aqueles que estão oferecendo sacrifícios para entidades espirituais no mundo Konkomba, bem como sacerdotes e pessoas comuns que sacrificam ao Senhor no An-

tigo Testamento, possuem uma postura humilde e necessitada. O principal contraste no mecanismo da redenção está claramente definido. Para os Konkombas, a redenção (que é apenas parcial, não para sempre) é o resultado do desempenho humano, de sacrifícios bem conduzidos por entidades espirituais específicas, feitas por especialistas com os elementos corretos. O mecanismo de redenção é promovido pelo ofensor, e conduzido por especialistas. Na perspectiva bíblica, o mecanismo da redenção está inteiramente nas mãos de Deus, na vontade de Deus e na iniciativa de Deus. Com a morte voluntária de Jesus na cruz, Deus revelou seu ato legal para perdoar os pecados daqueles que creem. Aconteceu por meio do sacrifício substitutivo de Cristo no lugar dos ofensores. E esse sacrifício divino não pode ser recebido por mérito humano, nem por esforço e nem mediante pagamento, mas apenas pela fé.

A validade da redenção também é um contraste. Para os Konkombas, não existe o conceito de redenção plena (para toda a vida ou para a eternidade), mas práticas que redimem as pessoas parcialmente, mantendo-as afastadas da vingança dos espíritos. Nas Escrituras, a validade da redenção é eterna, de uma vez por todas. Como o sacrifício de Jesus foi universal e eterno, aqueles que creem são convidados para uma vida de total e eterna liberdade.

5º passo, a mensagem bíblica temática é aplicada

A mensagem pretendida por Paulo (Romanos 3.20-26) é dividida em três partes. A primeira é o efeito universal do pecado na humanidade. Ele explica que não há diferença entre gentios e judeus porque «todos pecaram» (v. 23). Paulo ensina sobre o aspecto universal do pecado, que não faz distinção de pessoas e vai além de línguas, culturas, territórios e tempos. Toda a Palavra é unificada no ensino da queda e pecado humano, como se vê em Gênesis 3, Isaías 59.20-21 e Hebreus 8.

A Escritura está convidando os Konkombas a ver e a tomar conhecimento da realidade do efeito universal do pecado, começando com a percepção dos efeitos do pecado na existência Konkomba (doenças, conflitos, falta de chuva e morte) e expandindo a visão para os efeitos universais dentre todas as culturas e nações de todos os tempos. Portanto, a crise diária vivida pelo povo Konkomba em diferentes níveis da vida faz parte do quadro geral, e a mesma dor é sentida por outras pessoas em diferentes lugares, povos e contextos.

A segunda parte é a solução de Deus para essa crise, que é histórica, universal e espiritual. Paulo explica a crise, afirmando que “não há diferença” entre judeus e gentios (v. 22), pois “todos pecaram” (v. 23), e apresenta a solução afirmando que “todos são justificados” (v. 24). Ele ensina que essa solução é um ato de Deus, motivado pela graça de Deus. É gratuita e acontece por intermédio de Jesus (v. 24). Toda a Palavra corrobora essas afirmações, como também se vê nos seguintes textos: Salmos 98.1-3, Lucas 2.1-14, 1 Pedro 1.18-20 e Apocalipse 5.1-10.

O povo Konkomba busca a redenção por meio de ritos sociais e espirituais, sacrifícios, libações e remédios místicos, todavia nenhum desses esforços é válido. Por isso, eles são convidados por Deus a aceitar, pela fé e ação de graças (crendo e louvando), a solução única e eterna em Jesus Cristo. Essa solução não é parcial e nem temporal (como os sacrifícios e as libações fornecidas, que exigem novos atos a cada estação), mas é total e eterna. Não é conduzida pelo ofensor, anciãos ou especialistas, mas sim por Deus, portanto, não há erro ou fraqueza em nenhuma parte do processo ou do resultado.

A terceira parte diz respeito ao mecanismo da salvação. Paulo usa termos jurídicos para expressar esse mecanismo em um cenário judicial. O pecado contaminou a história humana e o coração humano, tornando todas as pessoas in-

justas diante dele, como expresso no versículo 10: “Não há um justo, nem um sequer”. Então, Deus se tornou carne em Jesus Cristo, foi tentado, mas não pecou, sendo justo, pagou na cruz o que a humanidade deveria pagar, a morte. A Palavra revela esse mecanismo de salvação de forma detalhada como se vê em Gênesis 22, Levíticos 4.3-35, Efésios 1.7-8 e Hebreus 8. Tendo em mente o universo Konkomba quanto à salvação, ritos e cerimônias não podem salvar, pois não há ninguém justo. Os especialistas que lideram as cerimônias, os anciãos que fazem os sacrifícios, os ancestrais que viveram nos tempos antigos e os mortos para os quais os funerais são realizados são todos injustos, pois todos buscam pureza e redenção. Somente por meio de Jesus, o puro e justo Filho de Deus, é que o preço foi pago, o sacrifício aceito, e as pessoas libertas, podendo, assim, entrar na *Uwumbor-do*, a casa de Deus.

5. Conclusão

O problema levantado neste artigo foi como a cultura poderia ser analisada e organizada, e como as descobertas culturais poderiam ser usadas para facilitar a evangelização transcultural por meio da teologia bíblica temática em contextos semelhantes ao do povo Konkomba de Gana. O objetivo era explorar e gerar ideias e princípios para integrar a análise cultural e as teologias bíblicas temáticas para melhor comunicar o evangelho em contextos semelhantes.

O artigo apresentou uma abordagem antropológica para a análise cultural em uma estrutura funcionalista-interpretativista defendida pela teoria Paradigm Interplay (Paradigma da “Ação Recíproca”), organizando as descobertas culturais em quatro dimensões (histórica, ética, social e fenomenológica) com base em um estudo de caso do povo Konkomba de Gana. Em seguida, apresentou uma estrutura missiológica fornecida por elementos do Modelo dos Qua-

tro Horizontes, do Modelo Tridimensional e da abordagem da Grande História, organizando a apresentação do tema bíblico em uma perspectiva hermenêutica que assegura a fidelidade ao texto bíblico e contextualizada, que visa a compreensão e aplicação local.

O resultado geral foi a Abordagem Kerygma, estruturada em sete estágios, e que culmina na exposição de teologias bíblicas temáticas distribuídas em um sistema progressivo de cinco etapas: uma narrativa bíblica é escolhida, juntamente com outras porções das Escrituras que tratam do mesmo tema; seu contexto original e mensagem pretendida são expostos; as lições centrais no texto como parte da grande história revelada na Palavra são identificadas; os contrastes e semelhanças entre as crenças culturais do público e as perspectivas bíblicas são comunicadas; as respostas bíblicas para as questões culturais em áreas específicas de cada tema são aplicadas.

Como sua primeira aplicação, ela pode ser utilizada para se pesquisar grupos específicos e suas culturas, quando semelhantes ao contexto apresentado, para se produzir um perfil etnográfico abrangente por meio de uma estrutura funcionalista-interpretativista organizada nas quatro dimensões propostas.

A segunda aplicação é específica ao mundo missionário, onde as descobertas culturais podem ser organizadas e analisadas para facilitar a comunicação do evangelho usando-se teologias bíblicas temáticas que abordam, explicam e respondem teologicamente às questões culturais do grupo-alvo, produzindo um projeto abran-

gente de evangelização em contextos similares ao do estudo de caso apresentado e, potencialmente, em diversos outros contextos.

Essa abordagem é indicada para o trabalho missionário entre grupos não alcançados pelo evangelho e com alta complexidade comunicacional nas ações transculturais, sobretudo aqueles que não foram expostos (ou foram em pequena medida) ao conhecimento dos valores e conceitos cristãos.

Este artigo faz duas sugestões adicionais para estudos nessa área. Primeiro, pode haver uma maior aplicação dessa abordagem em outros contextos culturais, testando e expandindo a Abordagem Kerygma em ambientes mais amplos. Segundo, pode haver uma exploração adicional da antropologia missionária como uma área de estudo, desenvolvimento, aplicação e treinamento por meio da comparação e integração de diferentes teorias, modelos e abordagens, como um avanço dinâmico do aprendizado, teste e expansão desses modelos nos campos missionários para fins relacionais e comunicacionais.

Especificamente, este estudo sugere a investigação da potencial integração de duas teorias antropológicas (funcionalismo e interpretativismo) no esforço missionário de análise cultural e dos três modelos apresentados como estrutura missiológica para a comunicação das narrativas bíblicas.

A proposta dessa abordagem visa servir à igreja de Deus, especialmente àqueles que dedicam suas vidas a ver o nome de Jesus compreendido e adorado entre todas as pessoas em todos os povos, para a glória do Cordeiro de Deus.



Sobre o autor

Ronaldo Lidorio é pastor presbiteriano e missionário ligado à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) e à WEC Internacional. Atuou por nove anos no noroeste africano entre o povo Konkomba de Gana como plantador de igrejas e tradutor do Novo Testamento. Hoje, serve

como missionário entre os indígenas brasileiros, e coordena o Planters, que visa se relacionar e colaborar com plantadores locais em países menos evangelizados. É autor de 20 livros. Casado com Rossana, tem dois filhos: Vivianne e Ronaldo Junior.



Lista de referência

- Alaichamy, Christeena 1997. *Communicative Translation: Theory and Principles for Application to Cross Cultural Translation in India*. Ph.D. Dissertation. Fuller Theological Seminary (não publicado).
- Allison, M 1997. *The Religious Itinerary of a Ghanaian People: the Kasena and the Christian Gospel*. Frankfurt: Peter Lang.
- Assimeng, M 2007. *Social Structure of Ghana: a Study in Persistence and Change*. Tema: Ghana Publishing Corporation.
- Awedoba, A 2009. *An Ethnographic Study of Northern Ghanaian Conflicts: Towards a Sustainable Peace*. Accra: Sub-Saharan Publishers.
- Bíblia, 1969. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil.
- Burrell, G and Morgan, G 1979. *Sociological Paradigms and Organisational Analysis*. London: Heinemann.
- Calvin, John. *The Institutes of the Christian Religion* 1846. Kindle Edition.
- Dawson, C 2009. *Shrines in Africa: History, Politics and Society*. Calgary: University of Calgary.
- Durkheim, E 1949. *Division of Labor in Society*. Glencoe, IL: Free Press.
- Evans-Pritchard, E 1966. *Social Anthropology and other Essays*. New York: Free Press.
- Fage, J 1961. *An Introduction to the History of West Africa*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fortes, M 1945. *The Dynamics of Clanship Among the Tallensi, Being the First Part of an Analysis of the Social Structure of a Trans-Volta Tribe*. London: Oxford University Press.
- _____. 1949. *The Web of Kinship Among the Tallensi: the Second Part of an Analysis of the Social Structure of a Trans-Volta Tribe*. London: Oxford University Press.
- _____. 1987. *Religion, Morality and the Person: Essays on Tallensi Religion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Garfinkel, H 1967. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Geertz, C 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.
- Gioia, D and Pitre, E 1990. *Multiparadigm Perspectives on Theory Building*. Academy of Management. Academy of Management Review, 15, October.
- Goheen, M 2011. *A Light to the Nations: a Missional Church and the Biblical Story*. Grand Rapids: Baker Academic.
- Gudykunst, W 2003. *Cross-Cultural and Intercultural Communication*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gudykunst, W and Bella, M 2002. *Handbook of Intercultural and International Communication*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gudykunst, W and Kim, Y 1997. *Communicating with Strangers: An Approach to Intercultural Communication*. New York: The McGraw-Hill.
- Hall, E 1976. *Beyond Culture*. Garden City, NY: Anchor Books.
- Hassard, J 1988. *Overcoming Hermeticism in Organisation Theory: an Alternative to Paradigm Incommensurability*. Human Relations, March.
- Hiebert, P 1999. *Anthropological Insights for Missionaries*. Grand Rapids: Baker Books.
- _____. 2008. *Transforming Worldviews: an Anthropological Understanding of How People Change*. Grand Rapids: Baker Academic.
- Kopytoff, I 1971. *Ancestors as Elders in Africa*. Africa: Journal of the International African Institute 41:02.
- Lévi-Strauss, C 1983. O Totemismo Hoje. In *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Lewis, P 2009 (ed). *Ethnologue: Languages of the World* (16th ed). Dallas Texas: SIL International.
- _____. 2015 (Ed.). *Ethnologue*. Retrieved 3/10/2019 from <http://www.ethnologue.com>
- Lidorio, R 2001. *Konkomba People – Field Cultural Research*. Accra: Manuscrito não publicado.
- _____. 2007. Church Planting Theology. In: *Dictionary of Mission Theology – Evangelical foundations*, Corrie, J (org.). Nottingham: Inter-Varsity Press.
- Matsunami, K 1998. *International Handbook of Funeral Customs*. Westport: Greenwood Press.
- Merton, R 1957. *Social Theory and Social Structure*. Glencoe, IL: Free Press.
- Newbigin, L 1986. *Foolishness to the Greeks*. Grand Rapids: Eederman Publishing Co.
- _____. 1989. *The Gospel in a Pluralist Society*. Grand Rapids: Eederman Publishing Co.
- Nicholls, B 1983. *Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura*. São Paulo: Vida Nova.
- Olson, J 1996. *The Peoples of Africa: an Ethnohistorical Dictionary*. Westport: Greenwood Press.
- Opoku, K 1978. *West African Traditional Religion*. Awka: FEP International Private Limited.

- Parker, M and McHugh, G 1991. *Five Texts in Search of an Author: a Response to John Hassard's Multiple Paradigms and Organisational Analysis*. Organisational Studies, London, v. 12, N 3.
- Parsons, T 1951. *The Social System*. Glencoe, IL: Free Press
- Radcliffe-Brown, A 1952. *Structure and Function in Primitive Society, Essays and Addresses*. London: Cohen and West.
- Sarpong, A and Adusei, M 2012. *Evidence on the Impact of the 'Susu' Scheme in Ghana*. Global Journal of Business Research 6:2.
- Schutz, A 1967. *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*. The Hague, The Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Schultz, M and Hatch, M 1996. *Living with Multiple Paradigms: The Case of Paradigm Interplay in Organisational Culture Studies*. The Academy of Management. The Academy of Management Review, Vol 21, N 2.
- Shaw, D; Van Engen, C 2003. *Communicating God's Word in a Complex World: God's Truth or Hocus Pocus?* Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers.
- Sundermeier, T 2002. In Baumgarten, A. *Sacrifice in Religious Experience*. Leiden: Brill Open Books.
- Tait, D 1958. *The Territorial Pattern and Lineage System of Konkomba*. In Middleton, J and Tait, D (ed), *Tribes Without Rulers: Studies in African Segmentary Systems*. London: Routledge and Paul.
- _____ 1961. *The Konkomba of Northern Ghana*. London: Oxford University Press.
- Talton, B 2010. *Politics of Social Change in Ghana*. New York: Palgrave MacMillan.
- Ting-Toomey, S 1999. *Communicating Across Cultures*. New York: Guilford Press.
- Vanhoozer, K 2016. *The Drama of Doctrine: a Canonical Linguistic Approach to Christian Doctrine*. Louisville: Westminster John Knox Press.
- Weaver, G and Gioia, D 1994. *Paradigms Lost: Incommensurability, Structuration and Their Restructuring of Organisational inquiry*. Organisation Studies, 15.
- Willmott, H 1990. *Beyond Paradigmatic Closure in Organisational Enquiry*. In Hassard, J and Pym, D (Eds). *The Theory and Philosophy of Organisation*. London: Routledge.
- Wright, C 2014. *A Missão de Deus: Desvendando a Grande Narrativa da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova.
- Wright, N 1992. *The New Testament and the People of God*. Minneapolis: Fortress Press.



Tradução: Marcos Tachikawa. Edição: Fernanda Schimenes.